
TRADIÇÕES POPULARES EM SERGIPE NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950 NAS MEMÓRIAS DE D. LUZIA

Rivanaldo Oliveira¹

RESUMO

A presente comunicação pretende abordar aspectos das tradições da cultura do povo nas décadas de 1940 /1950 e 1960 em Sergipe na perspectiva das memórias da Senhora Maria Luzia dos Santos. Em 17 de junho de 2006 D. Luzia concedeu entrevista ao prof. Dr. Antonio Lindvaldo Sousa, coordenador do projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade, relatando rituais, eventos e vivências suas com seus parentes, amigos e vizinhos. Na interpretação dessa entrevista, visualizamos aspectos da identidade de homens e mulheres comuns em Sergipe imensos nas tradições populares.

Maria Luzia dos Santos nascida no dia 20 de novembro de 1942 no povoado Pirunga, município de Capela - SE, retratou na entrevista concedida ao prof. Dr. Antonio Lindvaldo Sousa, coordenador do projeto “História de Sergipe para Terceira Idade”, histórias que fazem parte da sua vida e que compõem um conjunto de informações sobre o povoado Pirunga e Aracaju nas décadas de 1940 e 1950. E ainda relatou relacionamentos entre familiares, amigos e vizinhos que de alguma forma participaram ou participam do seu convívio.

De origem simples e de hábitos comuns, a sua infância se caracterizou pelas tarefas diárias da vida de quem morava num sítio localizado no povoado Pirunga, município de Capela, e pelas brincadeiras e festividades ocorridas neste lugar que então morava.

Nas brincadeiras como o “samba de coco, o cacumbi, o reisado, a chegança e o forró”, dentro das festividades comemorativas ao padroeiro do local, São José, além das festas juninas e natalinas, encontra-se um leque de histórias que conduziram a imaginação e principalmente a sua identificação cultural.

¹ Estudante de História Licenciatura Noturna da UFS; Bolsista Voluntário do Projeto de Pesquisa “História de Sergipe para Terceira Idade”; Membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades – GPCIR.

O nosso desafio que nada tem a ver com deslumbre, é evidenciar os aspectos desse passado vivo na memória, ora relatado, trazendo para o presente, linguagem, ideias e concepções que compuseram a vida de uma pessoa comum.

Através da transcrição da entrevista, citada acima, procuraremos compreender este universo participativo ou visualizado pela senhora Maria Luzia dos Santos, que no decorrer dos anos, fora montando a sua personalidade e identidade.

A entrevistada relatou que o povoado Pirunga na década de 1940 era composto por: “casas distantes umas das outras, as casas tinham sítios, não existia energia nem água encanada, e muitas matazinhas.” E ainda completou: “Era um povoado que tinha muitas casas.” (Santos, 2006).

O pai chamava-se Manoel Francisco dos Santos, disse ela: “a mãe dele era escrava. Ele trabalhava no engenho de propriedade de três irmãos, no povoado Gravatá, município de Capela: seu Chiquinho, seu Júlio e seu Clarismundo. Era carroceiro, pegava cana, e também era marcador de quadrilha.” (Santos, 2006).

Porém, segundo D. Luzia, o seu pai, teve de abandonar a marcação de quadrilha por causa de um problema na perna que vale aqui destacar o modo como isso aconteceu: “Ele estava fazendo uma faca com a navalha, então foi passar na calça e sentiu uma frieza na perna. Ficou com a perna dura com dificuldade de andar. Ele puxava uma perna”. (Santos, 2006).

A mãe chamava-se Cecília Pastora dos Santos, era costureira: “fazia calça, camisa, palitô.” E ainda, completou: “Era minha irmã e minha mãe quem escrevia para o pessoal todo do povoado.” (Santos, 2006).

Ao referir-se a origem do nome do povoado “Pirunga”, ela comentou que o nome é por causa de uma fruta abundante naquela região que leva o mesmo nome: “Lá tinha muita aquela frutinha, não sei se o senhor conhece chamada pirunga. O senhor conhece murici? É daquele tamanho, agora bem pretinha. Era uma frutinha pequenininha bem pretinha. Dava em grande quantidade, por isso passou a se chamar Pirunga.” (Santos, 2006).

Na pequena capela da comunidade, as festividades alusivas ao padroeiro São José, no mês junino, movimentavam o povoado e promoviam momentos de verdadeira manifestação artística cultural. Disse D. Luzia: “pífano, a zabumba, era bem animada à festa.” Os tocadores: “eram da Pirunga e do Tabuleiro, um povoado vizinho, todos juntos.” (Santos, 2006).

Já a coordenação da festa de São José, segundo a entrevistada: “era de Laisse, que morava lá, casada e seu esposo, “seu” Salvador, era o delegado do povoado. Ela organizava as noites de novena, animava, convidava o pessoal, convidava o padre que vinha de Capela que na época era município de Capela.” (Santos, 2006).

Existiam também as comemorações das festas de São João e Santo Antonio que para D. Luzia, eram caracterizadas pela rivalidade entre dois vizinhos: “Dudu e João Leite. Eles moravam no Tabuleiro, tinha novena e depois tinha o baile de forró os dois eram de mal, e queriam caprichar para vencer um ao outro, era aquela festa animada e cada um procurava convidar o melhor sanfoneiro.” (Santos, 2006).

Quanto à festa de São Pedro: “era em outro lugar, vizinho também, em uma fazenda. Tinha um senhor que se chamava Pedro que festejava, então na noite de São Pedro todo mundo ia para lá.” (Santos, 2006).

É importante destacar, como se dava o envolvimento da comunidade nestas festas patrocinadas pelo Dudu e por João Leite. Indagada se quem ia para uma festa não ia para outra, respondeu: “la, era vizinho, dançava um pouquinho em uma, depois ia para a outra para vê se estava animada, era pertinho” (Santos, 2006).

E ainda acrescentou, que na época destas festas: “era garota, mas ia ajudar quebrar coco, ralar só para dançar forró à noite.” (Santos, 2006). O forró, disse ela:

Era bem animado, era forró tradicional sanfona, triângulo, pé de serra, mas antes não chamava pé de serra. Dançava dentro da casa deles, a sala era grande cabia umas cinquenta pessoas, às vezes desocupava um quarto, tirava os móveis e dançava. A música era de Luiz Gonzaga: Asa Branca, Noites de São João. E era com candeeiro, não tinha energia. (Santos, 2006).

Outra dança que tinha no povoado era o samba de coco, que também era dançado nas residências de acordo com o convite a um grupo que existia lá.

Segundo D. Luzia, este samba de coco acontecia da seguinte forma: “Era de pareia, tinha os casais e tinha a roda onde os dois se encontravam, eles ficavam na roda e depois outros dois iam substituir. Mais outros dois casais entravam e às vezes todo; Juca era o responsável pelo samba de coco, era um vizinho que morava lá, ele criava porco, acontecia no fim do ano.” (Santos, 2006).

Quando interrogada sobre a diferença entre samba de coco e forró, respondeu: “o forró era com sanfona e todos dançavam juntos; o samba de coco tinha o instrumento, o tambor e era mais batendo palmas.” (Santos, 2006).

Também se recordou do reisado, do cacumbi e da chegança.

Segundo ela, quem organizava o reisado: “Era um senhor do Tabuleiro, seu Manuca, no final do ano nas festas natalinas, na frente da igreja; Tinham os figurantes, usavam aquele chapéu cheio de espelhos com fitas e as roupas também cheias de fitas. Era tudo fantasiado de fita e chapéu. E só mulheres, as mulheres dançavam, pulavam e sambavam.” (Santos, 2006).

Enquanto o cacumbi, disse: “Bem diferente só homem. Tinha o passo certinho. Eles também usavam chapéus coloridos, e quem era mestre usava camisa bem colorida. Agora era um tio meu que organizava Zé Tibúcio, a esposa dele era irmã de meu pai, a gente chamava de tio.” (Santos, 2006).

Quanto à chegança respondeu: “é lenta, tinha um senhor responsável, Sabagão, ele morava lá.” (Santos, 2006).

Através da memória de D. Luzia é possível perceber uma cultura que aos poucos foi moldando a sua vida, dos seus parentes e vizinhos.

Outros elementos, porém, também fizeram parte deste contexto. Prosseguindo seu relato, ela expôs que existia um senhor que se chamava seu Avelino:

Era um senhor alto e bem preto, que morava lá no povoado, casado com Bela que era escura, forte. No lugar que ele sentava, contava tanta história, anedota. Nas farinhadas, O pessoal se ajuntava para fazer farinha e ele chegava lá, sentava e contava as histórias. Ele tinha um dizer de tudo que a gente fazia, ‘Praco, Chico Praco’ se a gente fazia alguma coisa ele achava graça, ‘esse é o laço dos seiscentos caboje’. Tudo isso ele tinha. Sempre contava história que tinha como personagem saci-perere. (Santos, 2006).

Explicando sobre a “farinhada” relatou que: “Por exemplo, hoje eu ia fazer a minha, arrancava a mandioca e levava pra lá e os vizinhos tudo iam, ajudavam a raspar, ralar, mexer. As mulheres faziam tudo, beiju, tapioca para roupa, a mandioca que botava para fubá, para fazer bolo, massa puba. Os maridos saiam para trabalhar e elas ficavam.” (Santos, 2006).

Continuando com as histórias que eram contadas pelos moradores, disse ainda: “Lá no interior, as noites de lua os vizinhos se reuniam, botavam aquelas esteiras no terreiro e contavam as histórias: Essa história era de um sapo que chegou a uma casa e todo mundo tinha medo dele. O sapo pediu a moça para ela dar banho nele e ela não deu com medo, no fim ele era um príncipe.” (Santos, 2006).

E ainda recordou-se: “lá também tinha uma história de um homem que virava bicho, o lobisomem, ele morava lá e se chamava Jocelino. Todo mundo sabia, todo mundo tinha medo”. (Santos, 2006). Contou então que o irmão dela:

Uma vez vinha à noite e tinha lugares que tinha mato, então um negócio pulou na frente dele, e foi em cima arranhou ele todo. Mas, meu irmão se abaixou, porque quando se abaixa ele tem medo, pensa que vai matá-lo. No outro dia, meu irmão estava todo arranhado, e ele ficou mangando: ‘ataquei João ontem’. Jocelino que virava bicho, todo mundo dizia. (Santos, 2006).

Essas histórias, ora relatas, com certeza permearam sua imaginação, e uma vez recordadas resgataram um passado de inocência, encantamentos e credulidade.

Reportando-se a esta fase da sua vida, ela também comentou sobre uma vizinha que se chamava Maria José. Essa senhora, na Pirunga, disse D. Luzia:

Fazia mesa, sessão. Botava copo na mesa o espírito baixava e falava. Naquele tempo era xangozeira. Uma vez saiu uma história que minha avó tinha baixado na sessão, então disseram a meu pai: 'oi seu Nelson', o apelido dele era Nelson, 'sua mãe baixou na sessão lá na casa de Maria José'. Então dia de sexta feira, tinha um senhor, seu Loirinho, que matava boi, e ela passava para comprar carne, meu pai nesse dia não foi trabalhar para esperar, quando ela passou, ele disse: 'Maria José eu quero falar com você'. E ela: 'oi seu Nelson o que foi?' 'Eu soube que minha mãe baixou ontem lá na sua sessão'. E ela: 'Foi, foi'. 'Pois quando ela baixar lá eu vou dar uma surra nela e em você'. Sei que nunca mais ela baixou. (Santos, 2006).

Depois dos relatos sobre o seu povoado de origem, Pirunga, que destacamos apenas alguns aspectos, D. Luzia revelou também a sua trajetória em Aracaju a partir de 1958. Disse ela:

Quando eu vim para aqui (Aracaju) tinha 16 anos. Porque iniciou a Casa Maternal Amélia Leite. Tinha uma parte que convidavam jovens do interior para passar um ano se preparando para trabalhar em casa de família, e a outra parte era das mães jovens que ficavam grávidas e eram abandonadas. Então eu vim porque fui convidada para a formação de doméstica, passava um ano e depois a gente saía e entrava já em casa. Depois consegui um emprego no Hospital Cirurgia, de servente, trabalhei oito meses, depois sai, passei um ano sem trabalhar e fui trabalhar no Estado, na Secretaria de Segurança Pública, na mesma função. Entrei na Escola Normal, e em 1976 na Faculdade Tiradentes, fui cursar ciências contábeis, conclui em 1982. Depois fiz um concurso para assistente administrativo e passei, então trabalhei no setor pessoal e em seguida no financeiro. (Santos, 2006).

Moradora do bairro Suíça, ela contou que quando foi morar neste bairro, as casas: "tinha a de palha, mas a que predominava era a de taipa, a minha mesmo era de taipa. Tinha três quartos duas salas, uma cozinha e era de corredor." (Santos, 2006).

Inclusive recordou-se, que o São João nesta época: "era animado, tinha um forró na rua que eu morava, era um senhor que fazia seu João." (Santos, 2006).

Já o Mercado Central de Aracaju: "tinha muitos camelôs aquelas bancas, bem diferente." O transporte, disse D. Luzia: "Eu só sei que a gente vinha de "Marinete" e pegava ali perto onde hoje é o INPS. Não, era na Rua da Frente que a gente pegava a "Marinete". Só

sei que a gente vinha pegava a Pedro Calazans depois a Desembargador para lá, mas não descia até a Rua da Frente não.” (Santos, 2006).

Neste breve relato é possível perceber aspectos das tradições e dos costumes da vida de uma pessoa comum.

A vivência, os conceitos, os ensinamentos é uma herança de valor inestimável para um povo. Falar dessas tradições em sua memória resgata parte da identidade de serem homens e mulheres comuns em Sergipe nas décadas de 1940 e 1950.

REFERÊNCIAS

Fonte Oral: SANTOS, Maria Luzia. **Entrevista concedida ao prof. Dr. Antonio Lindvaldo Sousa**, coord. do projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade”, em Aracaju – Se, no dia 17 de junho de 2006.